



A GINÁSTICA PARA TODOS E SUAS TERRITORIALIDADES

GYMNASTICS FOR ALL AND THEIR TERRITORIALITIES

LA GIMNASIA PARA TODOS Y SUS TERRITORIALIDADES

Eliana de Toledo

Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil

Email: eliana.toledo@fca.unicamp.br

Paula Cristina da Costa Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Email: paula.silva@ufes.br

RESUMO

A Ginástica para Todos (GPT) vem gradativamente se disseminando em diversos contextos sociais de ensino formal e não formal, desde os cenários mais locais até aqueles considerados internacionais e transnacionais. A partir de um aporte bibliográfico, esse ensaio tem como objetivo trazer dados e reflexões sobre a Ginástica para Todos e suas territorialidades. Identificou-se que a GPT está presente em diferentes territórios, movida por motivos de natureza empírica, federativa e/ou acadêmica. E que há alguns territórios que se constituem como espaços de pertencimento e projeção do futuro, os quais foram criados justamente com a finalidade de agregar pessoas e instituições que possuem este sentimento de pertença a esta prática, como por exemplo, no Brasil: o FIGPT, o CONGPT e o Festival Gym Brasil. Concluímos que a GPT vive em constante dinamicidade, sofrendo influências locais e das particularidades de cada território, assim como transforma e constitui territórios.

Palavras-chave: Território; Ginástica Para Todos; Pertencimento; Cultura Corporal.

ABSTRACT

Gymnastics for All (GfA) is gradually spreading in different social contexts of formal and non-formal education from the most local settings to those considered international and transnational. Based on a bibliographic contribution, this essay aims to bring data and reflections on Gymnastics for All and their territorialities. It was identified that GfA is present in different territories, moved for reasons of an empirical, federative and/or academic nature. And that there are some territories that constitute spaces of belonging and projection of the future, which were created precisely with the purpose of bringing together people and institutions that have this feeling of belonging to this practice, as for example, in Brazil the FIGPT, CONGPT and the Gym Brasil Festival. We conclude that GfA lives in constant dynamism, suffering local influences and the particularities of each territory, as well as transforming and constituting territories.

Keywords: Territory; Gymnastics for All; Belonging; Body Culture.

RESUMEN

La Gimnasia para Todos (GPT) se está extendiendo gradualmente en diferentes contextos sociales de enseñanza formal y no formal, desde los entornos más locales hasta los considerados internacionales y transnacionales. Basado en una contribución bibliográfica, ese ensayo tiene como objetivo traer datos y reflexiones sobre la Gimnasia para Todos y sus territorialidades. Se identificó que la GPT está presente en diferentes territorios, movido por razones de naturaleza empírica, federativa y/o académica. Y que hay algunos territorios que se constituyen como espacios de pertenencia y proyección del futuro, que fueron creados precisamente con el propósito de reunir a personas y instituciones que tienen ese sentimiento de pertenencia a esa práctica, como por ejemplo, en Brasil: el FIGPT, el CONGPT y el Festival Gym Brasil.



Concluimos que la GPT vive en constante dinamismo sufriendo influencias locales y de las particularidades de cada territorio, así como transforma y constitui territorios.

Palabras clave: Territorio; Gimnasia Para Todos; Pertencientes; Cultura Corporal.

INTRODUÇÃO

Este texto, que possui o mesmo título dessa Seção Temática da Revista *Corpoconsciência* (2020), se constitui como um ensaio, com aporte bibliográfico, e objetiva trazer dados e reflexões sobre o tema “A Ginástica para Todos e suas territorialidades”. E teve sua inspiração no tema do VIII Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos, realizado em novembro de 2019, realizado na cidade de Caldas Novas (Goiás), e que reuniu em torno de 250 participantes (de 12 estados), 200 ginastas apresentando-se nos 2 festivais (um deles o Gym Brasil) e 60 trabalhos de GPT.

Nosso ponto de partida para esse ensaio é situar inicialmente os conceitos de GPT e território, que alicerçam nossas futuras reflexões e proposições. Com relação ao conceito de GPT, temos a produção de Toledo e Schiavon (2008) que apresenta alguns deles, por autores nacionais e internacionais, e pela instituição que a rege, a Federação Internacional de Ginástica (FIG). Um dos conceitos apresentados no estudo, é o de Souza e Gallardo (1997, p. 35), que vem sendo largamente utilizado nas produções de GPT do país, assim como em nossas produções, sendo, portanto, o conceito pilar para este ensaio:

[...] a manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica, etc.), integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica, etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.

Há um espectro interessante apresentado pelas autoras Toledo e Schiavon (2008), que aponta para uma consonância destes conceitos, que as faz concluir que a identidade da GPT está em sua diversidade, e este é o grande diferencial desta obra. E acerca disso, gostaríamos de

ampliar o debate das autoras, a partir da relação com os territórios, tema desta seção. A partir de nossa experiência e leituras no campo da GPT, há aproximadamente 30 anos, identificamos que o conceito de GPT traz novos contornos e dimensões a partir do território no qual está situada.

Assim, nos deslocamos para o segundo ponto que é conceituar território.

O conceito de território foi elaborado a partir dos pressupostos da Geografia política, inicialmente por Friedrich Ratzel (1844-1904), no qual se restringia ao espaço sobre o qual se exerce a soberania do Estado. Posteriormente, ao final do século XX e início do século XXI, conceitualmente território passou a incorporar outros aspectos como os sócio-econômicos e culturais ampliando sua abrangência e dotando-lhe de maior complexidade explicativa e densidade teórica (SILVA; SILVA, 2016).

Na atualidade, o conceito de território está ligado ao espaço geográfico e a luta de poder sobre ele fazendo-se presente nos trabalhos de grande parte dos estudiosos da Geografia superando a visão ingênua de que as relações sociais são construídas harmonicamente nesses locais. Para além das discussões presentes no campo da Geografia, o que pretendemos nesse texto é delimitar os debates sobre a GPT e a territorialidade para um campo no qual as manifestações da cultura corporal possam ser pensadas e reelaboradas.

Assim, corroboramos com Santos e Silveira (2003, p. 19) quando enunciam que podemos considerar “O sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [...]. Territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos é privilégio do homem”.

Portanto, o papel da territorialidade se traduz na formação de processos identitários locais, considerando sua dinamicidade, pois os elementos que a constituem (o sujeito, o espaço e



todas as suas interdependências) são susceptíveis de constantes variações no tempo.

Desse modo, a GPT ganha contornos sócio-espaciais pela incorporação do contexto local (econômico, político, cultural e histórico), ou seja, tratar da territorialidade na GPT é considerá-la a partir de suas diferentes construções sociais, fruto de uma mesma manifestação da cultura corporal. Nesse sentido, os seus praticantes a constituem de acordo com as condições materiais na qual estão inseridos, considerando sua raiz local.

SOBRE OS TERRITÓRIOS DA GPT

Podemos considerar que a GPT, que está presente em muitos territórios pelo mundo, sofre influências dos conceitos propostos por suas federações nacionais que, por sua vez, são influenciadas por aspectos teóricos-conceituais e culturais que são construídos, dialeticamente, a partir das relações sociais (BENTO-SOARES, 2019).

Dessa forma, é possível encontrar diferentes formas de se pensar a GPT, formas estas construídas historicamente por seus atores, quais sejam, treinadores, gestores, professores, que a disseminaram em seus países de origem, mas que também foram influenciados pela dinâmica da própria GPT, uma vez que sua vivência propicia a participação de grupos em festivais, encontros gímnicos e acadêmicos. Como exemplo ilustrativo dessas interrelações podemos citar algumas perspectivas:

- A **federativa**, que advém da prevalência dos conceitos de federações que possuem maior desenvolvimento na área da GPT e que influenciam outras federações próximas; e até mesmo, como parece ser o mais comum, a influência da maior federação em nível mundial, a Federação Internacional de Ginástica (a FIG);
- A **empírica**, que tem sua raiz a partir da influência da prática tradicional de GPT de grupos e associações, por vezes seculares e/ou populares na área da Ginástica;
- A **acadêmica**, que tem sua matriz a partir das produções científicas sobre a GPT.

Poderíamos ainda conceder alguns exemplos sobre cada uma dessas interrelações e perspectivas. No caso da federativa, há a influência do trabalho de algumas federações que possuem uma boa estruturação para a GPT, como é o caso: Alemã, Portuguesa, Britânica, Canadense, Dinamarquesa e Japonesa, dentre outras. No caso da empírica, temos exemplos internacionais de instituições e/ou grupos de GPT que possuem grande influência, como a Sokol (na República Tcheca); a Gymnastikhøjskolen i Ollerup (na Dinamarca); a Nittaidai University (no Japão), dentre outros. E finalmente, no caso da perspectiva acadêmica, há, por exemplo, a influência da proposta científica do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que pauta o trabalho de muitos outros grupos universitários brasileiros, como por exemplo: Cia Gímnica – UEM; GymUsp – USP; Grupo Labgin – UFES, Grupo Gymnarteiros – UFC; dentre outros (PAOLIELLO et al., 2014).

Ao analisarmos a GPT no contexto Pan Americano devemos levar em consideração a obra de Paoliello e colaboradores (2016), que traz um interessante resgate de aspectos históricos sobre a participação desses países no maior evento mundial de GPT, a World Gymnestrada (FIG, 2020). Os autores ainda trazem análises sobre o perfil de participação desses países, a partir de dados coletados durante o referido evento, assim como, destacam a relevância dos aspectos culturais e diversos na prática da GPT, aspectos esses relacionados às suas territorialidades. As autoras concluem também que

[...] the participation of PAGU has contributed to the increase of diversity of cultures and experiences in the American continent, in the sense advocated by Wichmann (2013:64). We believe that the opportunities for cultural sharing and interchange through a well-structured dialogue and collective initiatives (of groups and funding organizations that foster the development of gymnastics) can be beneficial to bring those groups together and it is crucial for the development of GfA in our continent. (PAOLIELLO et al., 2016, p. 81)



Mais uma vez ampliamos as reflexões dessa obra para trazermos à tona um tensionamento que existe acerca das formas de desenvolvimento da GPT em cada país pertencente ao continente Pan Americano, que estão diretamente relacionadas aos aspectos locais, embora pareçam ter culturas parecidas, proximidades geográficas, e por vezes a mesma influência imigratória. Os dados do artigo sobre a participação dos países norte-americanos mostram isso, assim como, dos países latino americanos.

No Brasil, o estudo de Patrício (2016) apresentou um panorama histórico acerca dos estados que inicialmente mais colaboraram para a divulgação e maior desenvolvimento da Ginástica para todos, doravante denominada de Ginástica Geral (GG). Seus entrevistados puderam narrar marcos nessa trajetória nacional, principalmente, num contexto federativo e confederativo, como a criação do primeiro comitê de GG da Confederação Brasileira de Ginástica, a criação de festivais nacionais de GG (como o Fegin e o Gym Brasil), dentre outros destaques.

O estudo de Toledo (2018) corrobora com o estudo anterior, identificando que muitos estados colaboraram para o desenvolvimento da GPT brasileira, com ênfase para os da região sudeste. No entanto, este estudo avança ao concluir que houve, para além de uma promoção da GG em instituições e estados, um trabalho colaborativo entre agentes e setores sociais para seu fortalecimento, tanto de instituições como de estados distintos:

Identificou-se também como houve uma rede de contatos que foi se estabelecendo, entre protagonistas de diferentes regiões e estados, assim como, de diferentes instituições, como universidades (Federal de Viçosa e Unicamp), federações nacionais (como a carioca, a paulista, a mineira, a gaúcha etc) e internacionais (como a PAGU e a FIG), autarquias (como o Sesc), Secretarias (como a estadual de São Paulo), dentre outras escolas, clubes e organizações esportivas. Este trabalho em rede se mostrou muito efetivo e com muitas iniciativas de sucesso, que nos

traz perspectivas importantes para a gestão e desenvolvimento da GPT no Brasil, devendo ser melhor valorizada e potencializada. (TOLEDO, 2018, p. 74).

Em relação aos territórios estaduais, o estudo de Oliveira e colaboradores (2018a) traz ainda aspectos marcantes sobre a influência da cultura local nos trabalhos de GPT de alguns grupos, como o caso do Grupo de Ginástica Cignus (ESEFFEGO - Goiás), que se propôs a desmitificar a cultura local cerratense. Segundo os autores:

Consideramos que o processo da GPT desenvolvido pelo Grupo de Ginástica Cignus, deflagrado nas composições coreográficas, e publicado em vídeo e na literatura, abarca situações que reforçam as características cerratenses, sem que ocorra uma generalização cultural envolta no mito ruralidade, garantindo essa relação da Composição Coreográfica com seu contexto, mas trazendo uma outra identidade para esse grupo e essa realidade. (OLIVEIRA et al., 2018a, p. 74)

Outros trabalhos seguem essa mesma perspectiva, como o desenvolvido no estado de Minas Gerais, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). A área do Vale do Jequitinhonha, historicamente, possui índices de desenvolvimento social muito baixos e os projetos de extensão e pesquisa em GPT parecem impactar positivamente nesta realidade. As produções veiculadas pelo coletivo da UFVJM apontam para isso, à exemplo da produção de Lopes e Carbinatto (2018) que versa sobre a influência da cultura popular nas experiências do Grupo de Ginástica de Diamantina, MG e o de Oliveira e colaboradores (2018b) que apresenta como a GPT tem sido estudada no currículo do curso de Educação Física.

O estado da Bahia também tem registrado um aumento nos trabalhos sobre GPT nos últimos anos, incentivados pelos grupos de pesquisa e extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Podemos mencionar algumas produções como o relato de experiência de Jesus e colaboradores (2018) sobre o Grupo de Extensão “Ginástica Alegria na



Escola” que divulga a GPT nas escolas públicas em Amargosa/BA; e a pesquisa de Jesus, Paraíso (2018) que busca averiguar, nessa mesma cidade do interior da Bahia, como ocorre o trato pedagógico da GPT na rede pública de ensino, nas séries finais do Ensino Fundamental. Como vemos, essas ações extensionistas e de pesquisa têm como local de inserção regiões afastadas da capital, Salvador/BA, o que demonstra a capilarização de ações iniciadas na década de 2000, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), por meio de pesquisadoras como Almeida (2005), com vistas à um diálogo com a realidade local.

Na região nordeste, temos ainda duas ressalvas. Uma no estado de Pernambuco, para o trabalho de Lima e Lemos (2016), da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), relatando os desafios de um projeto de extensão de GPT para idosos. E a outra ressalva para o estado do Ceará, com a Universidade Federal do Ceará (UFC). A produção de Carvalho e colaboradores (2016) traz particularidades sobre a História da GPT neste território, e a produção de Sousa e colaboradores (2016) analisou as principais motivações que atraem os estudantes à prática de GPT, num grupo de ginástica oferecido como projeto de extensão. Desse mesmo coletivo de estudiosas, foi relatada as experiências e as estratégias de difusão da prática e dos saberes em GPT por meio da realização e participação em Festivais Ginásticos Estaduais, Nacionais e Internacionais (SANTOS *et al.*, 2018), levando à eles as singularidades do estado. A partir de 2018, iniciaram-se ações relativas a GPT no Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Limoeiro, curso de Licenciatura em Educação Física, com o desenvolvimento de projetos de extensão e pesquisas direcionadas à formação inicial (PESSOA; COSTA, 2020) trilhando um caminho de interiorização desse conhecimento.

Com relação às produções sobre GPT realizadas no norte do país, destacamos aquelas dos estados do Pará e Amazonas. Duas produções referem-se à práticas pedagógicas de GPT no ensino fundamental, uma em uma escola particular (MUNIZ; CONCEIÇÃO, 2016) e outra em uma escola municipal (CONCEIÇÃO

et al., 2016), ambas localizadas em Conceição do Araguaia, sul do Pará. Ainda, abordando o tema relacionado às práticas pedagógicas de ensino das Ginásticas, Macias e colaboradores (2018b) descrevem o desenvolvimento de aulas baseadas na metodologia de ensino da GPT (PALOIELLO *et al.*, 2014) para alunos da escola de aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio de um projeto de extensão. Com relação aos estudos desenvolvidos no estado do Amazonas, Ferreira e colaboradores (2018b) descrevem a importância dos alunos universitários, do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará, participarem de um Festival de GPT, no município de Santarém/PA, interior da Amazônia. Também é relatado, em outro trabalho, a experiência de ensino-aprendizado da ginástica dos monitores em um projeto de extensão denominado “Escolinha de Ginástica” dessa mesma instituição de ensino (FERREIRA et al., 2018a).

E com relação à região sul, temos muitos trabalhos desenvolvidos pelos estados, com destaque para aqueles relacionados às Ginásticas na formação inicial em Educação Física (incluindo a GPT), tendo a orientação ou o referencial teórico da professora Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trabalhos como o de Sargi e colaboradores (2015), que estudaram a contribuição na formação profissional de alunos de Educação Física que frequentam projetos de extensão universitária voltados para a GPT; e o de Pizani e colaboradores (2016) que analisaram as repercussões da GPT na formação continuada de docentes.

Há inúmeros outros trabalhos que demonstram o crescimento e abrangência de temas, públicos, modos de praticar, ensinar, aprender e vivenciar a GPT, nos estados brasileiros, em diferentes contextos do ensino formal, inclusive no ambiente virtual (SILVA, 2013), e não formal. E em nossa análise, eles evidenciam num espectro ampliado, como a prática da GPT é porosa às influências locais e às particularidades de cada território, assim como essa prática transforma as pessoas, e, portanto, a realidade local e suas particularidades. Algo que é possível de se constatar nos mais diferentes



contextos sociais, como aponta Toledo e Silva (2013), e outras produções em livro.

Para além dos territórios **da** GPT, nos quais ela se estabelece, há também, ao nosso ver, aqueles territórios consituídos **por** ela, tema que desenvolveremos a seguir.

A GPT E OS TERRITÓRIOS CONQUISTADOS

Há um corte transversal a se fazer em nossa análise, que não se configura mais em ampliar ou refinar o olhar de nossa lupa territorial (na perspectiva de uma limitação geográfica convencional), mas talvez, de trocar a lupa. Estamos tratando nesse momento de reflexões acerca daquilo que é mais singular em cada território, constituído por seus gestores e/ou partícipes: sua identidade. Nossa interpretação de Santos e Silveira (2003), mostra que é o pertencimento que concede sentido ao território, assim como, a preocupação com o futuro.

Assim, concebemos como territórios conquistados e de GPT, os eventos que sobre ela se debruçam, que agregam aqueles que se sentem pertencentes à ela, para a troca de saberes e para desenhar seu futuro. Para este ensaio, selecionamos três destes eventos específicos de GPT, que consideramos de maior expressão realizados no Brasil: o Fórum Internacional de Ginástica para Todos, o Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos e o Festival Gym Brasil.

Começaremos tratando do Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT), que é no Brasil, com abrangência internacional, sendo o maior evento americano de Ginástica para Todos. Ele possui uma grande representatividade acadêmica, e congrega conferências, mesas temáticas, apresentação de trabalhos científicos e relatos de experiências, lançamento de livros e, também, a realização de Festivais que é a marca indelével da GPT, contemplando, assim, três eixos fundamentais da área: o científico, o pedagógico e o artístico (FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 2020).

Com a presença de grupos internacionais e estudiosos reconhecidos internacionalmente, o FIGPT vem ocorrendo desde 2001 tendo sua organização realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc São Paulo). Dentre seus objetivos temos a promoção do intercâmbio de conhecimentos entre acadêmicos e praticantes de GPT do mundo todo e pode ser considerado uma referência no que tange a produção de conhecimento sobre a GPT, em termos qualitativos e quantitativos, de trabalhos apresentados e publicados em seus anais, assim como de trabalhos artísticos apresentados nos Festivais. Os dados gerais do evento evidenciam sua relevância como um território de destaque da GPT:

**Quadro 1** – Atividades realizadas ao longo das edições do FIGPT

Ano	Nº de páginas dos Anais	Trabalhos Científicos	Cursos	Grupos Intern.	Festivais	Grupos nos Festivais	Palestrantes
2001	202	33	12	3	2	20	8
2003	218	44	22	3	4	45	6
2005	268	45	35	3	4	56	7
2007	312	77	24	5	4	68	6
2010	393	81	24	1	3	55	7
2012	473	94	24	5	4	47	7
2014	416	83	33	3	6	56	8
2016	256	87	22	5	4	51	7
2018	377	121	25	5	5	55	5
Total	2.915	545	221	33	35	447	61

Fonte: Fórum Internacional de Ginástica para Todos (2020)

Outro evento com as mesmas características, que publicamente assumiu que tem o FIGPT como modelo, é o Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos (CONGPT), doravante denominado de Congresso de Ginástica para Todos no Centro-Oeste (CIGNUS, 2020). Segundo Oliveira e Toledo (2019) esta trajetória do evento, que está em sua oitava edição, foi de ampliação de um Festival para um Congresso, e que inicialmente abarcava também a Dança. Ao longo do tempo, ele foi sendo concebido pelos gestores e instituições parceiras (universidades públicas e particulares do estado), como um território específico da GPT, não mais de âmbito regional, mas nacional. E que, mesmo com essa transformação, resguardou suas características locais e seu propósito de colaborar com a disseminação e estudo desta prática, conforme apresenta as autoras (ibidem, p.119) ao justificarem um dos motivos que colaboraram para a proposição e a consolidação do evento: “Entre a tradição e o novo – a inspiração num evento internacional consolidado como o FIGPT [...], mantendo sua tradição nesta área mas sempre trazendo novos atrativos (em seus conteúdos e formatação), respeitando as diferenças locais e regionais”.

E destacamos um terceiro evento, com caráter mais artístico, que começou a ser

realizado a partir da década de 1980 com abrangência nacional, o Festival Gym Brasil, cujo objetivo é o de “[...] disseminar a prática da ginástica, ampliar as amizades entre pessoas e grupos e realizar avaliações pedagógicas e sem pódios” (CBG, 2020). Esse festival é organizado pela Confederação Brasileira de Ginástica, sempre em parceria com alguma federação estadual, seguindo o regulamento da FIG e de seu maior evento de GPT, a World Gymnaestrada.

Carbinatto, Soares e Bortoleto (2016) analisaram a edição de 2013 do Gym Brasil, realizado em Piracicaba/SP, e trazendo alguns pontos que poderiam ser revistos para sua melhor implementação, dentre eles: buscar abranger participantes do gênero masculino e de diferentes idades, dado que a predominância foi feminina e do público jovem. Recomendaram ainda o registro oficial do evento por meio de fotos e vídeos, a criação de fichas individuais dos participantes, ampliação da diversidade cultural, uma vez que o predomínio das músicas escolhidas e manifestações culturais são muito restritas, e a expansão da abrangência geográfica dos grupos participantes, pois geralmente só participam aqueles das proximidades do local do evento (esse fato talvez se dê pela divulgação pouco antecipada).



Embora realizado de maneira assistemática, conforme aponta Patrício (2016), este evento possui uma tradição de mais de 30 anos, e ainda se constitui como um território importante da GPT, principalmente no âmbito federativo.

UM CONVITE À CONTINUIDADE DAS REFLEXÕES

Apresentamos, até esse momento, algumas análises e possibilidades de reflexão sobre o tema “GPT e suas territorialidades”, trazendo referenciais teóricos e redimensionando-os nessas perspectivas. Dialogando com isso, trouxemos também nossa experiência em eventos, programas e ações que ocorrem no Brasil em prol da GPT. A partir deste ensaio, teremos ainda artigos que colaborarão com esse debate, com dados e reflexões acerca desse fenômeno.

E como organizadoras dessa seção temática, gostaríamos de brevemente apresentar esses artigos, que trazem pesquisas originais sobre a GPT em diversos territórios. Esses, por sua vez, reafirmam a constatação feita por Toledo e Schiavon (2008) que a GPT se manifesta no Brasil por meio de uma grande diversidade de propostas, criando uma identidade que sintetiza as manifestações culturais presentes em nosso cotidiano, sem perder seus elementos norteadores baseados na prática gímnica.

Vimos que a GPT por vezes, tem sua porta de entrada nas escolas, nas universidades (via ensino sobre essa prática no processo de formação profissional e sua presença nos dispositivos legais; na pesquisa, a partir dos programas de pós-graduação; e, na extensão, como ações que atendem a comunidade universitária e não universitária), nos clubes, nas danças folclóricas justamente por abarcar em sua prática nossa cultura corporal influenciando-as e sendo influenciada. Traçando um paralelo desse contexto com ginga da Capoeira podemos dizer que há sempre uma negociação entre essas manifestações e a GPT. Isso porque a ginga é o tempo de negociação da Capoeira, o momento de pausa para que o diálogo corporal ocorra e continue, enquanto se ginga é possível processar

um golpe e já respondê-lo com outro e, assim, dar andamento ao jogo e compor um diálogo de “perguntas e respostas corporais” único e irrepetível. No caso das manifestações da cultura corporal que compõe a GPT elas acabam por fazer algo parecido, qual seja, essa manifestação imprime sua identidade seja local ou não e, dialeticamente, pode também ser influenciada pela essência da GPT, que são as práticas ginásticas. Essa interrelação dialética faz com que a riqueza dos festivais de GPT no Brasil apresentem composições coreográficas originais, aprazíveis e muito criativas.

A riqueza da GPT também está nos seus praticantes fazendo com que ela seja sempre mutante, adaptável. Podemos dizer que isso é um dos seus trunfos, pois sua plasticidade permite a inclusão de diferentes faixas etárias, tipos de corpos, gêneros em espaços sociais diversos e apresenta soluções para a prática corporal vencendo desafios, seja o de realizar uma parada de mãos com o auxílio de um colega de grupo até o de expressar-se em público, dentre tantas outras situações que assistimos, seja em suas aulas ou em suas apresentações. Isso também demonstra o poder do trabalho coletivo e, antes sem isso, a GPT não teria a força que tem.

Mas, embora a abrangência da GPT pareça andar a passos largos em nosso território brasileiro ainda há muito o que ser feito. A sua democratização e acesso pode ser maior, seja no intuito da melhoria da qualidade de vida da população em geral, por meio das políticas públicas de saúde (via Sistema Único de Saúde, por exemplo) ou via projetos de extensão nas universidades, programas extra-curriculares nas escolas, enfim, há várias possibilidades e os autores dessa coletânea apresentam alguns caminhos a serem considerados.

Por fim, retomamos os dizeres de Oliveira e colaboradores (2018a, p.446):

[...] a GPT se reafirma como um *lócus* privilegiado de produção de sentidos, de territorialidades, de culturas, de movimentos e de expressão, por meio da ginástica. E por isso, apropriando-se do termo usado por Paganotti (2007), propomos que as Composições Coreográficas de GPT possam ser



consideradas como “narrativas de representação”. (grifo dos autores).

Esperamos que essa seção temática, traga novos conhecimentos, saberes, reflexões e propostas que inspire os estudiosos do assunto,

para seu melhor desenvolvimento em seus territórios e os incentive nos intercâmbios vitais para a expansão da GPT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Roseane Soares. **A ginástica na escola e na formação de professores**. 2005. 213f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005.

BENTO-SOARES, Daniela. **Formação de treinadores (as) de ginástica para todos no mundo: uma análise de programas de federações nacionais**. 2019. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

CARBINATTO, Michele Viviene; SOARES, Daniela Bento; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. GYM BRASIL – Festival Nacional de Ginástica para Todos. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 128-145, 2016.

CARVALHO, Kássia Mitally da Costa e colaboradores. Ginástica para todos no Ceará: história da modalidade no estado. **Conexões**, v. 14, n. 4, p. 3-24, 2016.

CIGNUS. Grupo de Ginástica para Todos Cignus, site oficial. Disponível em: <https://www.grupocignus.com>. Acesso em 07 de fevereiro de 2020.

CONCEIÇÃO, Krycia Renata da Rocha, GENTIL, Raphael do Nascimento; BRITO JUNIOR, Antonio Hugo Moreira de. A ginástica para todos como prática pedagógica em uma escola municipal de Conceição do Araguaia – PA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8, 2016. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, 2016.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/> Acesso em 09 de março de 2020.

FERREIRA, Patrícia Reyes de Campos e colaboradores. Projeto de extensão de ginástica: um relato de experiência. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018a.

FERREIRA, Patrícia Reyes de Campos e colaboradores. Festival de Ginástica para Todos (FGPT) no interior da Amazônia: um relato de universitários. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018b.

FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/#> Acesso em 15 de março de 2020.

JESUS, Diego dos Santos de e colaboradores. A ginástica no Recôncavo da Bahia: uma experiência com a universidade e a escola pública. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, 2018.



JESUS, Diego dos Santos de; PARAISO, Cristina Souza. Ginástica para Todos: problematizando o seu ensino nas aulas de educação física na Educação Básica da cidade de Amargosa/BA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018.

LIMA, Graciano Joan Xavier; LEMOS, Natália Batista Albuquerque Goulart. Ginástica para todos na terceira idade: um relato de experiência na cidade de Petrolina/PE. **Extramuros**, v. 4, n. 1, p. 38-47, 2016.

LOPES, Priscila; CARBINATTO Michele Viviene. Ginástica para todos e culturas populares: originalidade do Grupo de Ginástica de Diamantina. In: VIII CONGRESSO DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8, 2019. **Anais ...** Caldas Novas, GO: UFG, 2019.

MACIAS, Céres Cemírames de Carvalho e colaboradores. Possibilidades de ensino da ginástica: relato de experiência na escola de aplicação da UFPA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018a.

MACIAS, Céres Cemírames de Carvalho; MONTEIRO, Fernanda Yully dos Santos; RIBEIRO, Aline Maria da Silva. Itinerâncias ginásticas na escola de aplicação da Universidade Federal do Pará: a formação de professores a partir da ótica da Ginástica para Todos. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018b.

MUNIZ, Tamirez Santana, CONCEIÇÃO, Krycia Renata da Rocha. A importância da ginástica geral no desenvolvimento físico e social de alunos de uma escola particular do município de Conceição do Araguaia – PA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8, 2016. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2016.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de e colaboradores. Desmitificando a cultura cerratense por meio da ginástica para todos: um estudo de caso do Grupo de Ginástica Cignus. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 433-449, out./dez., 2018a.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de. Construindo pontes: o caso do Congresso de Ginástica para todos do Centro-Oeste. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 3, p. 106-121, set./ dez., 2019.

OLIVEIRA, Raquel Cordeiro de e colaboradores. A ginástica para todos na Universidade Federal dos Vales do Jequinhonha e Mucuri: uma análise documental. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018b.

PAOLIELLO, Elizabeth e colaboradores. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PAOLIELLO, Elizabeth e colaboradores. Participation of the Pan American Gymnastics Union in the 2011 World Gymnestrada. **Science of gymnastics journal**, v. 8, n. 1, p. 71-83, 2016.

PATRICIO, Tamiris Lima. **Panorama da Ginástica Para Todos no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade**. 117f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.



PESSOA, Kaline Lígia Estevam de Carvalho; COSTA, Juliana Moreira da. Práticas pedagógicas para o ensino de ginástica: uma experiência na formação docente. In: FECHINE, Basílio Rommel Almeida (Org.). **Formação e práticas pedagógicas em educação física, esporte e lazer**. Fortaleza, CE: IFCE, 2020. p. 61-76.

PIZANI, Juliana; VOLPONI, Aline Rozada; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Ginástica para todos e formação continuada: uma possibilidade para a educação física escolar. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8, 2016. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2016.

SANTOS, Leticia Rodrigues Vieira dos e colaboradores. A realização e participação do Ceará em festivais ginásticos estaduais, e nacionais e internacionais. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SARGI, Andrey Amorim e colaboradores. A ginástica para todos na formação profissional em educação física: contribuições a partir da extensão universitária. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 3, p. 11-21, set./ dez., 2015.

SILVA, Ivana de Oliveira Gomes; SILVA, Paulo Lucas da. Usos do conceito geográfico “território” e sua relevância na análise de conflitos territoriais e socioambientais na Amazônia. **Revista Pegada**, v. 17, n.1, p. 47-66, 2016.

SILVA, Paula Cristina da Costa. O ensino-aprendizado da ginástica no ambiente semi-presencial: a experiência do PROLICEN – CEFD/UFES. In: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (Orgs.). **Democratizando a ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

SOUSA, Carla Thais de; REIS, Lorena Nabanete dos; CARVALHO, Kássia Mitally da Costa. Por que ginástica? Motivação para a adesão da prática de Ginástica para Todos no Grupo Gymnarteiros da Universidade de Federal do Ceará – UFC. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8, 2016. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2016.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. Ginástica geral: duas visões de um fenômeno. In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (Orgs.). **Coletânea: textos e sínteses do I e II do Encontros de Ginástica Geral**. Campinas, SP: Gráfica Central Unicamp, 1997.

TOLEDO, Eliana de. Sobre uma história da ginástica para todos no Brasil (1950-1990): notas de um trabalho em rede. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018.

TOLEDO, Eliana; DESIDERIO, Andreia; SCHIAVON, Laurita. Ginástica e terceiro setor: possibilidades e alcance da cidadania. In: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (Orgs.). **Democratizando a ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.



TOLEDO, Eliana; SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica geral: diversidade e identidade. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (Orgs.). **Democratizando a ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

Dados da autora:

Email: eliana.toledo@fca.unicamp.br

Endereço: LAPEGI – Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica, Rua Pedro Zaccaria, 1300, Jardim Santa Luzia, Limeira, SP, CEP:13484-350, Brasil.

Recebido em: 20/03/2020

Aprovado em: 02/04/2020

Como citar este artigo:

TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa. A ginástica para todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 01, p. 71-82, jan./abr., 2020.